

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 6 • 1996

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1996

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 6 • 1996

ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E

RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso

CAPA - João Luís Cardoso

FOTOGRAFIA - Autores assinalados

DESENHO - Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados

PRODUÇÃO - Luís Macedo e Sousa

CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho
de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras
2780 OEIRAS

Aceita-se permuta

On prie l'échange

Exchange wanted

Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Palma Artes Gráficas, Lda. - Mira de Aire

DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

O FINAL DA IDADE DO FERRO NO CONCELHO DE OEIRAS: UM CONTRIBUTO

João Luís Cardoso ⁽¹⁾

1 - INTRODUÇÃO

No decurso da revisão e estudo sistemáticos dos materiais arqueológicos provenientes do concelho de Oeiras e pertencentes às colecções do Museu Nacional de Arqueologia, de que nos temos vindo a ocupar desde 1990, deparámos com três fragmentos cerâmicos de tipologia sidérica, de mistura com materiais posteriores, especialmente romanos. O interesse que tais fragmentos detinham, do ponto de vista arqueológico, era grande, pois vinham colmatar uma lacuna da ocupação humana daquela área concelhia, correspondente ao final da Idade do Ferro (CARDOSO, 1995 a). Tal razão, que não a raridade ou o especial interesse intrínseco das peças, justificou o presente estudo.

2 - CONDIÇÕES DA JAZIDA

Desconhecem-se as condições de jazida dos materiais em pormenor a não ser a informação de terem sido recolhidos no “Cemitério de Oeiras”, conjuntamente com espólio de época romana e de carácter doméstico. Trata-se de estação que permaneceu, até ao presente, inédita; apenas CORREIA (1913, p. 93) declara que “À saída da vila, para o norte, sabe-se de um cemitério da mesma época, na Quinta da Costa” (referia-se o A. à época romana).

Investigações recentes, nos Arquivos do Museu Nacional de Arqueologia, permitiram recuperar importante documentação manuscrita, de José Leite de Vasconcellos, sobre as explorações realizadas, bem como a sua rigorosa localização no terreno (CARDOSO & CARREIRA, 1996).

O cemitério, que era de inumação, desenvolvia-se em encosta contígua à área de implantação de importante mosaico, o qual indica a presença de uma *villa urbana* (Fig. 1). Com efeito, Leite de Vasconcellos declara, em nota manuscrita: “Este quintal é contíguo à propriedade do Mendes onde apareceu o cemitério” (trata-se do quintal, situado do lado sul da necrópole romana, adjacente à casa cuja cave continha o mosaico). Em outra pequena folha, Leite de Vasconcellos escreveu:

⁽¹⁾ Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.

“Cemiterio de Oeiras
Apareceu nos entulhos de um poço da mesma propriedade:
uma figura de bronze.
Pelo campo: um rebolo comprido, de mó;
3 pesos de barro (*pondera*);
1 peso de pedra natural, como os da Serra de Pragança;
1 conta canellada verde;
potes quebrados;
asas como de amphoras (mas não fundos).”

Verifica-se, pois, que os testemunhos da *villa* representados, designadamente, pelos pesos de tear e pelos fragmentos de ânforas, atingiam a zona ocupada pela necrópole; a maioria dos objectos descritos correspondem ao conjunto actualmente depositado no Museu Nacional de Arqueologia, e no qual se integra o espólio sidérico agora estudado (“potes quebrados”, “asas como de amphoras”), que documentam a ocupação do local em época anterior ao estabelecimento da referida *villa* romana, por seu turno mais antiga que a necrópole; com efeito, o mosaico é datável do século II d.C. (GOMES *et al.*, 1996), enquanto o cemitério é já tardo-romano ou mesmo alto-medieval (CARDOSO & CARREIRA, 1996). Os materiais romanos listados por Leite de Vasconcellos foram recentemente estudados (GOMES *et al.*, 1996), numa perspectiva integrada com o estudo do mosaico.

Do ponto de vista geo-ambiental, trata-se de uma superfície regular, com declive suave e voltada para sul-poente, com excelente exposição solar, correspondente a trecho da encosta esquerda do vale da ribeira da Lage, a qual corre a cerca de 150 m do local, distante 1 Km da embocadura com o estuário do Tejo, na praia de Santo Amaro de Oeiras (Fig. 1). Na carta Arqueológica do Concelho de Oeiras, ao cemitério corresponde o nº. de inventário 59, enquanto à *villa* foi atribuído o nº. 62 (CARDOSO & CARDOSO, 1993).

3 - OS MATERIAIS

Todas as peças possuem etiquetas de papel, antigas, nalguns casos muito carcomidas, com a indicação “Cemiterio de Oeiras”.

1 - Fragmento de asa de ânfora, de contorno anular e secção elipsoidal (Fig. 2, nº. 1). Trata-se de exemplar de feição púnica, compatível com Mañá C2, embora a pasta, fina e de coloração rosa-avermelhada, lembre materiais mais antigos. Com efeito, as asas deste tipo de ânforas mantiveram-se inalteradas quanto ao formato e tipologia desde o século VIII a.C. até inícios do século I a.C. (PELLICER, 1978).

Deste modo, a única indicação fornecida pelo exemplar em causa é a de se tratar de produto de origem ou influência fenício-púnica (nº. inv. MNA 16 126D - “asa curta e grossa, cilíndrica”);

2 - Fundo de ânfora cilíndroide, com ligeira protuberância terminal (Fig. 2, nº. 2). Pasta fina, e com engobe de coloração esverdeada, ligeiramente pulverulento (HUE 10y8/2). Fractura de coloração idêntica. Elementos não plásticos inclassificáveis à vista desarmada, pela sua pequenez.

Exemplar de ânfora Mañá C2 (nº. inv. MNA 16126 B - “ponta fundal de anfora”).

3 - Porção de bordo e de colo de grande vaso de cerâmica comum. Barro vermelho-rosado; núcleo castanho-escuro. Superfície externa alisada com nítidas marcas resultantes do movimento da roda; superfície interna rugosa. Pasta fina a média, com raros e.n.p., sobretudo de quartzo. Trata-se de um recipiente fechado, de colo estrangulado, com ressalto na separação entre este e o bojo, como nos *pythoi* e na tradição destes, tanto na forma como na pasta (nº. inv. MNA 16 126 A).

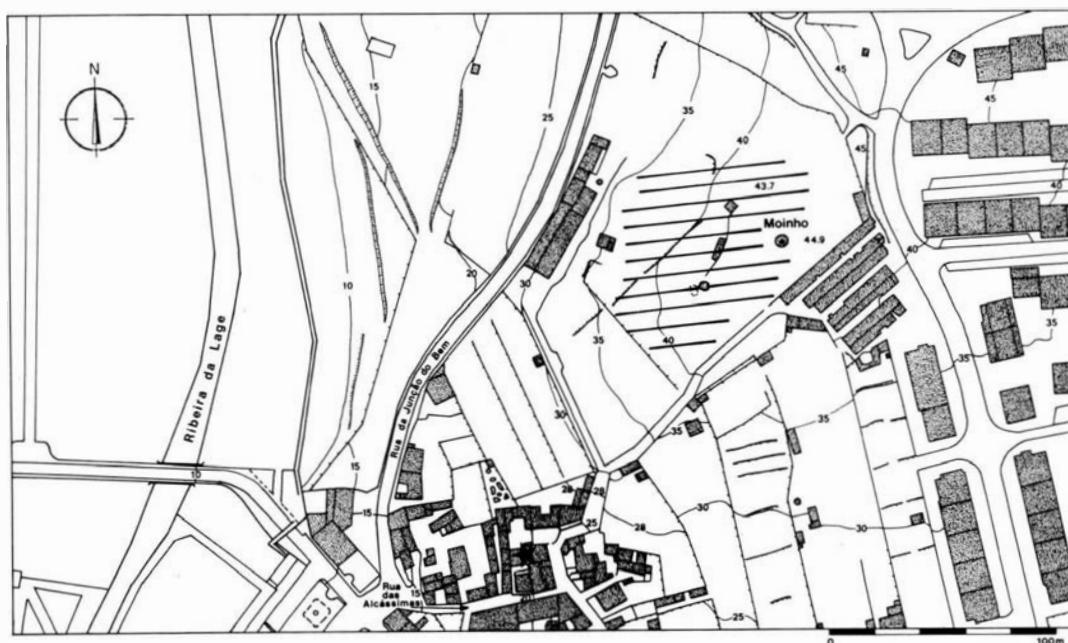


Fig. 1 – Localização aproximada, a tracejado, dos materiais estudados no terreno, em encosta que futuramente viria a ser ocupada pela *pars rustica* de *villa* romana.

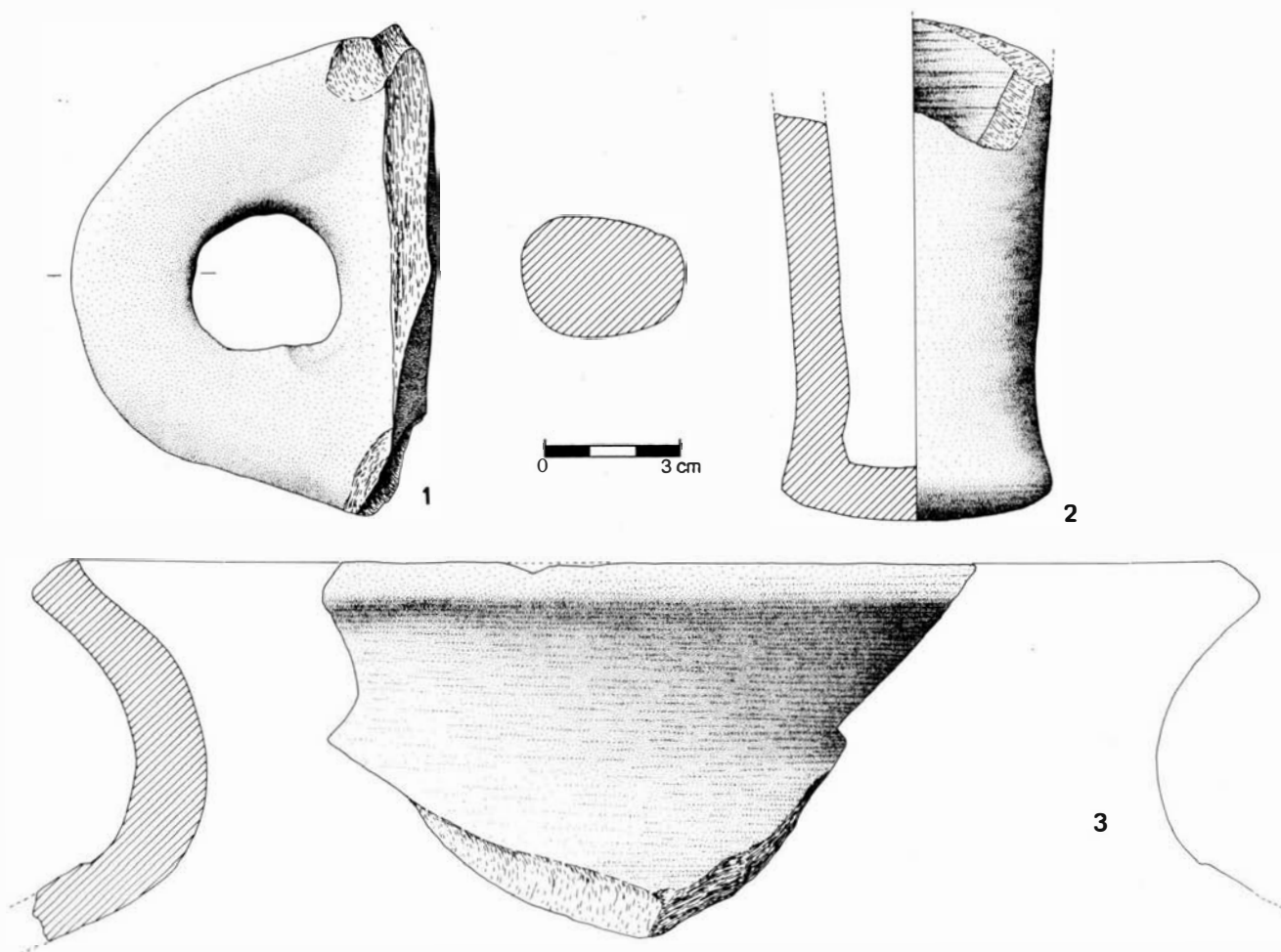


Fig. 2 – Materiais cerâmicos da Idade do Ferro de Oeiras.

4 - COMPARAÇÕES, CRONOLOGIA

O tipo de ânfora Mañá C-2 é uma forma de origem púnica. O prosseguimento das investigações conduziu à identificação de três sub-tipos: C-2a, C-2b e C-2c (GUERRERO AYUSO & ROLDAN BERNAL, 1992).

A C-2a diferencia-se essencialmente do sub-tipo 2b por ombro bem marcado que diferencia nitidamente o colo do resto do corpo (*idem*, p. 48). Não incluindo o conjunto ora estudado nenhum fragmento daquela porção, torna-se impossível levar a classificação àquele pormenor, se bem que o engobe esverdeado, seja característico do sub-tipo Mañá - C2a (*idem*, p. 48, 50). Esta forma corresponde, essencialmente, ao século II a.C., verificando-se o apogeu da sua utilização como contentor para a comercialização, provavelmente de vinho, no segundo quartel daquela centúria. O seu fabrico em Cartago encontra-se plenamente documentado; porém, a produção interrompeu-se após a destruição da cidade, em 146 a.C.; tomaram, então, lugar, as produções ocidentais, situadas de ambos os lados do Estreito, correspondentes já ao sub-tipo 2b, nos quais “desaparecen de forma radical los engobes verde-oliváceos típicos del área de Túnez” (*idem*, p. 50).

Aceitando tratar-se – como sugere a coloração da pasta e do engobe – de uma produção de Cartago, a ocorrência deste exemplar na região da embocadura do Tejo permite admitir a manutenção, por parte dos seus habitantes, de relações comerciais com o Norte de África no decurso daquele século; tal fragmento documentaria, assim, uma realidade económica regional, privilegiando as ligações ao mundo mediterrâneo, com carácter constante desde os séculos VIII-VII a.C., veiculados por comerciantes fenícios. Tais contactos atingiram a romanização, sem solução de continuidade, ao longo de toda a fachada ocidental do centro e do sul de Portugal, como documentam, primeiro, as produções púnicas e, depois, as homólogas itálicas, coexistindo, por vezes, em um mesmo local, como na vila de Odemira, em Alcácer do Sal e no Pedrão, Setúbal, materiais de ambas origens, em contextos bem datados dos séculos II-I a.C. (COELHO-SOARES, 1986).

Trata-se, pois, de um processo de contactos económicos e culturais, contínuo e prolongado, protagonizado pelas populações indígenas habitantes do referido espaço geográfico, pertencendo os materiais ora estudados ao final deste ciclo, designado por SILVA *et al.* (1980/81) por III Idade do Ferro mediterrânica.

Com efeito, nas regiões litorais do centro e sul do país, fortemente marcadas por estímulos culturais daquela área geográfica, veiculados por navegações costeiras de carácter comercial, as influências continentais jamais tiveram expressão significativa (CARDOSO, 1995 b). Saliente-se que o referido comércio atingiu domínios francamente setentrionais, como documenta o achado de ânforas Mañá C-2b na Galiza (GUERRERO AYUSO & ROLDAN BERNAL, 1992, p. 51-51) e de cerâmicas púnicas, a partir do século V a.C. em diversos castros do norte de Portugal (SILVA, 1986, 1992, p. 64).

A riqueza agrícola, e também pecuária, da região ribeirinha do estuário do Tejo, explicaria a existência de excedentes susceptíveis de serem permutados por produtos manufacturados, como o vinho ou os decorrentes da indústria de transformação de pescado; assim se compreende a presença do sub-tipo 2a, sobretudo destinado ao transporte vinário e do sub-tipo 2b, directamente relacionado com as fábricas de salga existentes na região do Estreito, tanto na Península como na costa africana.

Na área que interessa particularmente a este estudo, ânforas do tipo Mañá C-2 foram até ao presente identificadas em dois contextos domésticos: no provável “casal agrícola” de Cabanas - S. Marcos, Sintra (MAIA, 1978; PIMENTA, 1982/83) e no castro de Chibanes, Palmela (COSTA, 1910; MAIA, 1978). No primeiro, os fragmentos, pouco representativos, sugerem o sub-tipo-b pelas características da pasta e do engobe, que jamais se apresenta de coloração esverdeada; no segundo, tal conclusão é reforçada também pela tipologia dos exemplares, alguns dos quais completos.

O fabrico de ânforas púnicas no actual território português foi recentemente documentado em Alcácer do Sal (DIOGO *et al.*, 1993), ali provavelmente relacionado com a indústria piscícola.

AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Carlos Tavares da Silva pelas trocas de impressões havidas e as indicações bibliográficas. A Júlio Roque Carreira as indicações das notas manuscritas de José Leite de Vasconcellos, arquivadas no Museu Nacional de Arqueologia. Ao director deste Museu, pelas facilidades concedidas no estudo do espólio agora estudado.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J. L. (1995 a) - Para o conhecimento da agricultura no concelho de Oeiras: do Neolítico ao Período Romano. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 87-96.
- CARDOSO, J. L. (1995 b) - O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um ensaio. *Conimbriga*, 34, p. 33-74
- CARDOSO, J. L. & CARDOSO, G. (1993) - *Carta arqueológica do concelho de Oeiras*. Estudos Arqueológicos de Oeiras, 4. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1996) - A necrópole tardo-romana e alto medieval de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 407-417.
- COELHO-SOARES, A (1986) - Achados arqueológicos na vila de Odemira. *Trabalhos de Arqueologia do Sul*, 1, p. 87-92.
- COSTA, A. I. Marques da (1910) - Estações prehistoricas dos arredores de Setúbal. Appendice. Homo protohistorico. Idades do Bronze e do Ferro no castro de Chibanes. *O Arqueólogo Português*, 15, p. 55-83.
- DIOGO, A. M. DIAS; FARIA, J. C. & FERREIRA, M. A. (1993) - Notícia de uma olaria em Alcácer do Sal produtora de ânforas ibero-únicas. *Comunicação apresentada às V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1993).
- GOMES, M. Varela; CARDOSO, J. L. & ANDRÉ, M. C. (1996) - O mosaico romano de Oeiras. Estudo iconográfico, integração funcional e cronologia. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 6, p.
- GUERRERO AYUSO, V. M. & ROLDAN BERNAL, B. (1992)- *Catalogo de las ánforas prerromanas*. Museo Nacional de Arqueologia Maritima. Cartagena.
- MAIA, M. (1978) - Ânforas neopúnicas do sul de Portugal. *Actas das III Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1977), 1, p. 199-207.
- PELLICER, M. (1978) - Tipología y cronología de las ánforas prerromanas del Guadalquivir, según el Cerro Macareno (Sevilla). *Habis*, 9, p. 365-400.
- PIMENTA, F. C. (1982/83) - Subsídios para o estudo do material anfórico conservado no Museu Regional de Sintra. *Sintria*, 1/2, p. 117-150.
- SILVA, A. Coelho Ferreira da (1986) - *A Cultura Castreja no noroeste de Portugal*. Câmara Municipal de Paços de Ferreira. Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.
- SILVA, A. Coelho Ferreira da (1992) - Proto-história do norte e do centro de Portugal. *In Proto-história de Portugal*, Universidade Aberta, 36, p. 31-97.
- SILVA, C. Tavares da; SOARES, J.; BEIRÃO, C. de Mello; DIAS, L. Ferrer & COELHO-SOARES, A. (1980/81) - Escavações arqueológicas no castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*, 6/7, p. 141-218.